

Do trauma ao *troumatismo*

Sandra Leticia Berta

Introdução

Partiremos do seguinte: diferenciar trauma como acontecimento traumático do trauma estrutural: furo (*trou*) – *troumatismo*. Uma pergunta que permeia este texto: quais as consequências dessa diferenciação na clínica psicanalítica?

Para tanto, diferenciaremos o trauma de estrutura – do parlêtre – do acontecimento traumático que se apresenta como sendo aquele em que a verdade e o saber coincidem univocamente, ou seja, aparentemente sem separação e sem lugar ao equívoco. Nessa definição tomamos como referência os discursos, lembrando que no discurso do analista o saber está no lugar da verdade ($a/S2 - \$/S1$). Separação estrutural entre saber e verdade!

Ao falarmos de acontecimento traumático e dos efeitos subjetivos, estamos propondo que, nele, há um efeito que provoca uma miragem na qual saber e verdade não se separariam. Desse modo, o acontecimento e seu retorno – detalhe por detalhe – velam a disjunção e o colocam com o estatuto de *verdade absoluta*. Saber sobre o acontecimento significaria saber “A” verdade. O acontecimento traumático visa assim elevar a contingência do acidente à verdade. Com isso se verifica um fechamento da pergunta pela causa. O acidente obtura a causa.

Partindo desse referente podemos pôr à prova a seguinte hipótese: numa análise trata-se de restabelecer as vias que indiquem para o sujeito a disjunção entre verdade e saber. Uma análise promove um trabalho do saber sobre a verdade, mas justamente orientado pela divisão que o furo da causa promove, uma vez que o saber é o termo opaco em que o sujeito se perde. Se assim for, verifica-se que a verdade é não-toda e que nenhum acontecimento será capaz de dizê-la. Por outro lado, o saber mostra-se sempre insuficiente em dizer a “origem das coisas” ou mesmo “a coisa”.

Pontuações sobre o trauma

Desde os primórdios da psicanálise o trauma se apresentou como esse caráter de acidente que imprime um excesso de excitação

não tramitado pelo aparelho psíquico: RSI.

Foi bem cedo que Freud conseguiu diferenciar o valor accidental do trauma das fantasias. Suas históricas lhe cederam a bússola para tal empresa. As fantasias foram o degrau crucial que articularam a construção de uma realidade outra, realidade psíquica que enlaçava a ideia ao ato: exemplo disso de modo preciso foram as fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade. As fantasias foram além do acontecimento. Se delas alguma coisa o sujeito pode extrair, extrair será um detalhe. Verdade não-toda. O detalhe em contraponto com a catástrofe: vale para o abuso, vale para a performance histórica. Entretanto, fazer coincidir a fantasia com o trauma é a estratégia neurótica que cristaliza o sintoma. Essa bússola orienta a direção do tratamento.

Por sua vez, Lacan insiste em acentuar o trauma na sua relação ao real, justamente para diferenciar a realidade do real. Isso desde bem cedo no seu ensino. Ele privilegiou a temporalidade do trauma dividida em dois tempos e justificou insistentemente que a fantasia e o sintoma são modos de resposta ao traumático. Nos anos 50¹ opôs a fantasia ao acontecimento traumático, outorgando a este último toda sua opacidade, reinterpretando os dois tempos do trauma: o primeiro sendo o acontecimento e, o segundo sendo a construção da fantasia. Nesse sentido, os sintomas são uma resposta à fantasia e ao trauma. Posteriormente, no seminário *O desejo e sua interpretação* (1958-1959),² o trauma foi definido em relação ao desamparo fundamental do *infans*, aquele ser que, embora imerso na linguagem, ainda não possui a palavra. Trata-se do desamparo do sujeito em face do desejo do Outro, pois ele apresenta-se como enigmático. O trauma é condição desse *infans inocente*, marcado pela palavra que o mortifica, mas também que o localiza nessa dialética da sua relação ao Outro. Lacan sustenta que a resposta a essa condição de desamparo é a construção da fantasia na qual se articula, tanto a significação possível do sujeito, quanto sua condição perante o desejo do Outro.

Sobre *tiquê*³ e *autômaton*

Em 1964,⁴ o trauma toma um estatuto diferenciado, uma vez que o acento não se ancora na opacidade da origem, mas no acontecimento traumático como encontro, isto é, com um sentido que se associa ao atual e ao ato. Isso leva a fazer a divisão entre o *autômaton* dos significantes e a *tiquê*, que define o encontro faltoso. Um encontro com o perdido. Nesse ponto Lacan articula sua “invenção”, o objeto *a*, privilegiando suas articulações com o objeto pulsional.

O *autômaton*, como a rede de significantes, define o retorno dos signos. A *tiquê* refere ao real como encontro. Para além do retorno

¹ Lacan, *El Seminario. Libro I. Los escritos técnicos de Freud* (1953-54/1992).

² Lacan, *O Seminário. Livro VI. O desejo e sua interpretação* (1958-59/inédito).

³ No decorrer deste texto usamos diferentes escritas dessa palavra, conforme as referências: tuché, tyche, tiquê e tychê.

⁴ Lacan, *O Seminário. Livro XI. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1993).

dos signos, e por causa desse retorno, se verifica esse real como encontro, que em Freud pode ser identificado ao umbigo dos sonhos. Essa relação entre *tiquê* e *autômaton* permite vislumbrar uma solidariedade existente entre o que se repete e o encontro, pois se há repetição é porque sempre se encontra a falta.

A função da *tiquê*, do real como encontro – encontro enquanto que podendo faltar, enquanto que essencialmente é encontro faltoso – se apresenta primeiro, na história da psicanálise, de uma forma que, só por si, já é suficiente para despertar nossa atenção – a do traumatismo.⁵

Observamos que é nesse contexto do ano de 1964 que Lacan retoma o exemplo do sonho que Freud⁶ nos legou. Sonho amplamente comentado na literatura psicanalítica. Um pai dorme quando vela seu filho morto. Separado por um instante do Outro, esse pai sonha e vê seu filho segurando-o pelo braço. Além de vê-lo, ouve lhe dizer: *Pai, não vêes que estou queimando?* Olhar e voz – os objetos lacanianos da pulsão – se encontram nessa frase para testemunhar que do real do trauma nada poderia ser apreendido em efígie ou em ausência. Trata-se da tessitura desse sonho que na interpelação do “não vêes” acorda o pai para a morte de um filho. Um pai *knoked* pelo despertar traumático. O despertar vai ao encontro com a realidade para velar o real do trauma. Realidade psíquica que vela o trauma factual, fatal, acidental – *tyquê*. Na clínica, a modo de exemplo, poderíamos imaginar como segue essa história, dizendo que o melhor que poderia acontecer com esse pai seria fazer da voz, encarnada na palavra do corpo febril do filho morto, um sintoma. A contingência do sonho faz passar de maneira enigmática, nessa interpelação, a pergunta pela morte de um filho. Nas palavras de Caruth, acordar para sobreviver e “contar o que significa não ver, o que significa escutar as palavras impensáveis da criança que morre”.⁷

Lacan elucida esse sonho com o intuito de, nele, diferenciar na repetição: o retorno dos signos do encontro faltoso:

Primeiro a *tiquê* que tomamos emprestada, eu lhes disse da última vez, do vocabulário de Aristóteles em busca de sua pesquisa da causa. Nós a traduzimos por *encontro do real*.⁸ O real está para além do *autômaton*, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio de prazer. O real é o que vive sempre por trás do *autômaton*, e do qual é evidente, em toda a pesquisa de Freud, que é do que ele cuida.⁹

Quando Lacan trabalha o conceito de repetição cita Aristóteles, em particular, *A Física*, livro II,¹⁰ capítulos: 3 *As causas*, 4 *A sorte e a casualidade*, e 5 *A sorte e a casualidade como causas acidentais e in-*

⁵ *Ibid*, p. 57.

⁶ Freud, *A interpretação dos sonhos* (1900-1/1974).

⁷ Caruth, *Modalidades do despertar traumático* (2000, p. 128).

⁸ Na versão em francês está escrito *rencontre du réel*.

⁹ O Seminário. Livro XI. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, op. cit., p. 56.

¹⁰ Aristóteles. *Física* (1995).
Edição em espanhol. Tradução livre para o português.

¹¹ Mora, *Dicionário de Filosofia*, www.scribd.com/doc/7238750

¹² Garcia-Roza, *Acaso e Repetição em Psicanálise (Uma introdução à teoria das pulsões)* (1999, p. 39).

¹³ Mikosz, *Introdução à leitura de Aristóteles* (1991).

determinadas. Lacan cita esse filósofo para diferenciar o retorno dos signos do que se produz por acidente. Oportando por essa referência filosófica assinala que não existe causa única de todas as causas e que há causas acidentais que se vinculam inesperadamente às séries causais, entendidas como o retorno dos signos. Todavia, que há intervalos entre as séries causais, nos quais o encontro com o real, como impossível, se verificaria.

Tomemos a definição de “acidente” que oferece José Ferrater Mora, no Dicionário de Filosofia:¹¹ acidente é o que acontece a alguma coisa sem constituir um elemento essencial ou derivar da sua natureza essencial. Seguindo Ferrater Mora, as definições encontradas em Aristóteles sobre o acidente (*sumbebhko*) referem ao que pode pertencer a um ser, sem que por isso deva ser necessário nem constante. Por essa razão o acidental se diferencia do essencial. O acidental também se diferencia do necessário, de modo tal que o acidente é fortuito e contingente, podendo existir ou não existir. Entretanto, veremos que a causa acidental, que é uma variável da causa eficiente – a *tiquê* – se vincula à necessidade.

Na *Física*, Aristóteles retoma sua teoria das quatro causas, que tinha sido colocada na *Metafísica*, livro V, capítulo I. Segundo Garcia-Roza¹² a teoria das quatro causas diz respeito aos princípios ou fatores explicativos das coisas articulando-se às distinções fundamentais da sua filosofia: essência-acidente, matéria-forma, ato-potência com o intuito de mostrar que a filosofia consiste fundamentalmente numa indagação de princípios. A teoria das quatro causas responde à exigência de que não há mudanças sem causas.

Segundo Mikosz,¹³ o movimento que implica mudanças é uma preocupação central para Aristóteles. A teoria das causas poderia ser suportada na pergunta: por que mudam os seres? E responder: por razão das causas. Esse autor assinala que as causas poderiam ser chamadas de implicações ou de condições de possibilidade dos processos de transformação, das mudanças “quer dizer, das atuações dos seres em potência enquanto tais”. Portanto, as mudanças têm como razão as quatro causas: 1. A causa daquilo pela qual uma coisa é produzida – causa material (*hyle*). O princípio material é requerido como condição de movimento, da transformação, da atuação do ser em potência, enquanto tal. 2. A causa que permite dar uma forma ou fórmula de quiddidade, o qual faz que uma coisa seja o que é, distinguindo-a das demais – causa formal (*eidós*). 3. A causa ou origem imediata do movimento ou repouso ou produtor de mudanças – causa eficiente (*kinoun*). 4. A causa que se refere ao fim ou objetivo para o qual uma coisa existe – causa final (*telos*).

Além das quatro causas na ordem natural, Aristóteles dedicou uma atenção particular para as causas acidentais, a serem compreendidas dentro das causas eficientes, na qual trata das noções que

aqui nos interessam: *Tyche* e *Autômaton*. As causas acidentais podem referir a fatos que se produzem por exceção. Tudo o que escapa à determinação, na natureza, é excepcional e se realiza acidentalmente. “O oposto ao *ser por acidente* é o *ser por si* que contém todas as determinações causais de uma coisa.”¹⁴

No livro II, capítulo 4, Aristóteles diferencia sorte e acaso: “Assim, há de se examinar a casualidade e a sorte, ver o que é cada uma, se são o mesmo ou se são diferentes, e de que modo se encontram entre as causas que temos distinguido”.¹⁵ *Tyche* e *autômaton* são duas causas acidentais que pertencem às causas eficientes, distinguindo-se das demais pelo seu caráter de excepcionalidade. Enquanto a *tyche* é associada a uma necessidade (fortuna) desconhecida para o homem, porém dotada de algum grau de deliberação, o *autômaton* é associado ao acaso no qual não houve nenhuma deliberação humana ou divina. Mikosz, nos textos anteriormente citados, esclarece ambas as noções. Sobre o *autômaton*, disse que o caráter acidental se manifesta na coincidência das séries dos fatos. O encontro dessas séries não foi buscado com nenhuma finalidade. Ele toma o exemplo de Aristóteles: “A pedra não cai com a finalidade de cair na cabeça de alguém”, e as duas séries coincidem, mas a coincidência não é pretendida por nenhuma delas. Vejamos isso em Aristóteles: “Assim, a casualidade, como indica seu nome (*autômaton*), tem lugar quando alguma coisa acontece “em vão” (*mátem*). A pedra não cai com o propósito de ferir alguém, mas por casualidade, pois poderia ter caído por obra de alguém e com a finalidade de ferir”.¹⁶

Mikosz esclarece as diferenças entre *tyche* e *autômaton*, a partir das raízes etimológicas:

A distinção que Aristóteles faz usando as duas palavras *autômaton* e *tyche* e, às vezes tomando um pelo outro, às vezes usando simplesmente *apó tyche* por fortuna, para coisas imprevisíveis ou não previstas, é uma distinção um pouco discutível. Mas, ele mesmo dá um fundamento. Então poderíamos dizer o seguinte, conforme a etimologia que ele dá: *Autômaton* é composto por *autós* mais *mátem*, segundo a etimologia dada pelo próprio Aristóteles. *Autós* significa *por si mesmo* no sentido de espontaneidade, e mais *mátem* que quer dizer *em vão*, sem sentido [...] Portanto, o *autômaton* é a natureza agindo sem intenção [...] Já a palavra fortuna ou sorte (*tyche*) é um caso de *autômaton*, e é mais aplicada à realidade humana. E pode-se também definir esta fortuna como sendo o intelecto agindo para além da intenção: *intellectus agens praeter intentionem*. A palavra para a fortuna é *tyche* que vem do grego *tynchâno*, que quer dizer: encontrar, topar. O alemão diz *antreffen*, *Zufall*. Surgir assim meio inesperadamente. Também significa: caber a, ser destinado a. Seria uma espécie de sina. Daí nós entendermos muito esta fortuna ou sor-

¹⁴ Sparano, *A Física de Aristóteles* (1991, p. 64).

¹⁵ *Física*, *op. cit.*, p. 59. Tradução livre. “Así pues, hay que examinar la casualidad y la suerte, ver qué es cada una, si son lo mismo o son diferentes, y de qué modo se encuentran entre las causas que hemos distinguido.”

¹⁶ *Ibid.*, p. 64. Tradução livre. “Así, la casualidad, como indica su nombre (*autômaton*), tiene lugar cuando algo ocurre «en vano» (*mátem*). La piedra no cae con el propósito de herir a alguien, sino por casualidad, pues podría haber caído por obra de alguien y con la finalidad de herir.”

te como uma espécie de sina, o destino das pessoas. Uma força cega, talvez, por detrás dos acontecimentos. Mas também *tynchâno* pode significar simplesmente acontecer, ocorrer. Há um aspecto de imprevisível o de não regular nesta palavra. Achar-se, estar presente. De fato não havia necessidade nenhuma.¹⁷

¹⁷ Introdução à leitura de Aristóteles, *op. cit.*, p. 85.

¹⁸ *Física*, *op. cit.*, comentários de Echandia.

Echandia¹⁸ – tradutor e comentador da versão em língua espanhola – sublinha que nos três capítulos da *Física*, que tratam sobre as causas acidentais, Aristóteles, buscando conceituar o esquema causal da *tyche* e o *autômaton*, retoma o que para muitos pensadores anteriores era a verdadeira razão de todo acontecer, em íntima conexão com a ideia de necessidade. Ele também adverte que a tradução desses termos é difícil, e que, por vezes, se perde o significado. Assinala que desde os tempos homéricos os grandes poetas tinham dito que o divino se manifestava como *tyche*, isto é: que a experiência do divino era a experiência da *tyche*. Ambos os termos pertenciam ao modo grego de sentir e conceber o mundo. Os romanos traduziram *tyche* por *fortuna*, pois acreditavam que sua antiga deusa *Fortuna* corresponderia à deusa *Tyche*. Assim também traduziram *autômaton* por *casus* (causalidade) e algumas vezes por *spontaneus* (*gênesis automaté* por *generatio spontanea*), ambas as traduções sendo parciais. Por outro lado o termo *Autômaton*, que deriva de automático e autômata, teria entre os gregos um uso mais profano, porém não menos inquietante, assim como se encontra entre os hipocráticos: alguma coisa é *autômaton* quando se produz por causas que o determinam de maneira espontânea e cega, como por exemplo a chuva ou a autocuração. O casual, o que Aristóteles chama *tó apo autômatou* estaria nos seus efeitos concretos sobre tal ou qual coisa, não na trama causal que o determina. A *tyche*, “sorte”, chamada *tó apó tychés* é traduzida por “fortuito”. A *tyche* tampouco faz referência aos efeitos, mas à trama da qual eles resultam, e por essa razão os gregos não veem diferença entre *tyche* e necessidade. A mesma interpretação é proposta por Garcia-Roza quando esclarece que para os gregos o fato da *tyche* designar uma causa oculta ou desconhecida para a razão humana não significava que ela deveria ser vinculada com um caráter absurdo ou, mesmo, fortuito do fenômeno.

O que nos interessa destacar é que essas duas versões da causa eficiente não referem a um caos ou à ausência de ordem, mas a um acidente que articula séries causais independentes que pressupõem uma ordem natural à qual se articula uma exceção. Eis o exemplo que dá Aristóteles no qual se entrecruzam duas séries. Um homem poderia ir a um determinado lugar para receber uma soma de dinheiro de um devedor se soubesse que tal devedor receberia ali um montante de dinheiro. Mas acontece que ele vai a esse lugar e, por

acidente, ele encontra o devedor e recupera esse dinheiro. Lemos em Aristóteles “Vemos, então, que a sorte é uma causa acidental que concorre nas coisas que se fazem por algo e que são objetos de escolha. Por isso, o pensamento e a sorte se referem a uma mesma ordem, uma vez que não há escolha sem pensamento”.¹⁹

Assim, por detrás das coisas que acontecem sempre do mesmo modo e daquelas que acontecem na maior parte dos casos, existem outras que constituem exceções às regras habituais da natureza, consideradas como desvios secundários. Um adendo importante é o seguinte: o que se chama de sorte, fortuna ou mesmo destino, para Aristóteles, tem a ver com atividades nas quais o homem intervém. A sorte se limita necessariamente à atividade humana.

Assim o *autômaton* pode ser coisa da natureza, mas a *tiquê*, a sorte, é exclusiva do homem. Eis o fundamental que queremos destacar desse percurso. Talvez seja por essa razão que, na responsabilidade que compete ao sujeito na sua relação ao trauma, Lacan tenha sublinhado o lado da *tiquê*, o encontro do real. Lembremos que o homem faz a escolha de receber o dinheiro. Para Lacan, o trauma é sermos seres de linguagem, o qual implica considerar a relação do sujeito ao Outro, e com isso introduzir a questão do objeto (seja pela via dos objetos de escolha, seja como causa de desejo, seja como o objeto ligado à satisfação). Nesse sentido podemos dizer que o trauma “exterior” não se constitui como tal, a não ser por um sujeito que levante a pergunta pela verdade e que seja afetado por um saber possível sobre o “acidente”, isto é, sobre a *tiquê*.

Sobre realidade e Real

O que se repete, com efeito, é sempre algo que se produz – a expressão nos diz bastante sua relação com a *tiquê* – como por acaso. [...] Não há que tomar as coisas ao pé da declaração do sujeito – na medida em que aquilo com que precisamente temos que trabalhar é com esse tropeção, esse fígamento, que reencontramos a todo instante.²⁰

O real não é o que retorna como signos, mas o que se repete como falta. O trauma deveria ser suturado pela homeostase subjettiva que orienta o princípio de prazer, mas os tropeços assinalam o fracasso dela. O que retorna ao mesmo lugar é esse encontro no qual os significantes hipernítidos perdem sua função de significar, perdem sua condição de ligar o aparelho, razão pela qual o exemplo do despertar do sonho demonstra o fracasso da função-semblante do significante. O sistema da realidade (a fantasia) deixa prisioneiro o real, por isso a realidade permanece alerta, em *souffrance* (sofrimento, paciência, espera de algo indeterminado). A realidade está

¹⁹ *Ibid.*, p. 62. “Vemos entonces que la suerte es una causa accidental que concurre en las cosas que se hacen para algo y que son objeto de elección. Por eso el pensamiento y la suerte se refieren a un mismo orden, ya que no hay elección sin pensamiento.”

²⁰ *O Seminário. Livro XI. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, op. cit.*, p. 56.

em *souffrance*, está aí sustentando como pode sua relação com o real. A fuga no funcionamento do princípio do prazer conduz para o mais além desse campo. Devemos lembrar que em 1963 Lacan construiu sua teoria sobre a angústia, elevando o objeto ao estatuto de real e conectando com isso a falta de objeto, própria ao desejo, com a satisfação pulsional. São os restos, vistos ou ouvidos, que resistem à rede de significantes.

Observemos que ao falar da repetição (*Wiederholen*), Lacan se pergunta o porquê da repetição ter aparecido primeiro, com Freud, associada às neuroses traumáticas. Colette Soler aponta:

O traumatismo se impõe numa temporalidade de ruptura: o sujeito não tem nele a mínima parte, isso lhe cai em cima. É uma temporalidade de instante, mas de um instante que não se percebe facilmente, enquanto existem tantos instantes que se evaporam no esquecimento e a partir do qual se instala uma constância, como uma onda que se propaga, rebelde ao apagamento. De alguma forma, portanto, um instante que engendra algo, uma perpetuidade.²¹

²¹ Soler, *Trauma e Fantasia* (2004, p. 55).

Segundo essa autora, o que se apreende em um encontro, por mais brutal que ele seja, não poderia ser traumático sem uma participação subjetiva, sem que o sujeito do inconsciente acuse recibo dessa ruptura, entendendo esse “acusar recibo” na resposta subjetiva, seja pela via da fantasia, ou seja pela via do sintoma.

Isso também é sustentado por Christian Dunker quando escreve que na neurose traumática o que está em falta é a própria realidade, como anteparo ao real. Comentando o sonho ao que fazemos referência, esse autor escreve:

Diante desta pergunta o pai enlutado, acorda. Este é o ponto-chave. A realidade vem recobrir o traumático na perda do filho, representado pela sua aparição. Se Freud fala inúmeras vezes na “fuga para a neurose” como uma estratégia para lidar com o real, no caso da neurose traumática há, inversamente, uma “fuga para a realidade” para lidar com o real.²²

²² Dunker, *O cálculo neurótico do gozo* (2002, p. 117).

Esse autor adverte que o trabalho do trauma não é unidimensional, trata-se de uma dialética entre velamento e desocultação na qual o empenho é de devolver ao trauma sua vigência, malgrado as reações da defesa. Em um momento posterior, Dunker²³ avança essa tese, articulando o núcleo real entre trauma e fantasia. Divide o encontro do real (trauma), por um lado; e o ato que toca o real (fantasia) este último ligado ao *acting out*. Retoma a expressão “encontro do real” para assinalar, com Lacan, que esse lugar é aquele que se situa entre trauma e fantasia: trauma e fantasia são as duas

²³ Dunker, *A função terapêutica do real: entre trauma e fantasia* (2006).

bordas do Real concernido pelo encontro, as duas séries que se encontram na *tyche*. Numa relação de inversão, o autor propõe que as duas bordas referem tanto ao Real que volta sempre ao mesmo lugar, quanto ao Real que é o instante fantasmático do encontro faltoso. E adverte que desse cruzamento restam: o sintoma como desencontro e a pulsão como reencontro, ambos a serem considerados nas consequências do tratamento psicanalítico: a pulsão pode vir a ser liberada da fantasia e o sintoma pode vir a ser liberado do trauma, essa é a *função terapêutica do real*, que dá nome a seu texto.

Retomemos, então, ao sonho desse pai que vela seu filho, para nos perguntar por essa relação entre real e realidade que se impõe à questão do trauma. Pois, se devemos diferenciar entre a função da repetição (*Wiederholen*), a função do retorno (*Wiederkehr*) e a rememoração (*Erinnern*), observamos que nesse sonho se presentifica a cena tão próxima de uma realidade indizível, que não se integra à rememoração (*Erinnern*) a não ser deixando aparecer essa frase “*pai, não vê, das ich verbrenne, que estou queimando*”. Nela, é o laço do retorno dos signos (*Wiederkehr*), isto é, o *autômaton* (simbólico), e da repetição (*Wiederholen*), isto é, a *tyche* (real), que se conjuga para deixar cair o apelo de uma voz; isso que é impossível de dizer – a morte de um filho – e impossível de ver. Acontecimento e “destino” se entrecruzam. Razão pela qual o despertar leva o sujeito de novo a uma realidade: desperta para seguir sonhando, para manter o retorno dos signos além do encontro do real. Entretanto, como Lacan observa: entre o acidente que se repete como por acaso e o comovedor da frase do sonho “O que é falhado não é a adaptação, mas a tiquê, o encontro”.²⁴ A propósito da repetição e comentando esse sonho do pai, Colette Soler colocava para nossa comunidade em novembro de 2010:²⁵ a repetição do encontro faltoso com o Outro é estritamente solidária com o encontro bem-sucedido com o *a*, que faz objeção ao encontro com o Outro, que institui a fantasia que faz objeção ao encontro.

Se o saber, além de suposto é opaco, então podemos dizer que o *umbigo do sonho* que acorda o pai para inocular-lhe uma realidade possível que ultrapasse o encontro com a solidão do olhar e da voz que a frase do filho carrega, esse umbigo assinala a falta radical de um saber último. Freud e Lacan, cada um a seu modo, chamaram isso de castração, de impossibilidade de dizer sobre o sexo e a morte. O umbigo do sonho indica que “não há proporção – relação sexual”, que não se alcança o Outro, nem mesmo no amor, que não há abraço possível para alcançar o Outro; e que toda crença neurótica tenta driblar esse fato. Do Outro, em última instância, nada sabemos. Ao Outro o supomos e por isso o inconsciente se ancora numa suposição, sendo que ela se desvanece no final de análise: melhor dito, no limite, quando o sujeito constata que com o Outro jamais

²⁴ O Seminário. Livro XI. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, op. cit., p. 70.

²⁵ Soler, Seminário *Repetição e sintoma* (29 e 30 de novembro de 2010, notas pessoais).

fará Um. E que o que lhe resta são, por um lado os significantes mestres que lhe funcionaram como imperativos da demanda e um litoral que indica o furo ao qual não há S1 – e seu gozo concomitante – que o sature.

Do traumático ao *trou*

Em *Les non-dupes errent*,²⁶ já iniciado seu percurso na teoria dos nós *bo*, Lacan insiste em diferenciar realidade psíquica e real. O sentido (imaginário) ele nos diz: é muito curto. O que se descobre do saber inconsciente é o sentido sexual, o “sentido – não sentido”. E é onde toda construção ficcional falha em dizer a verdade, *uma vez que não há verdade senão do que não tem sentido*.²⁷ Por isso Lacan dirá que a verdade, não toda, somente é sustentável através da escrita, além do saber. Um passo a mais na disjunção entre saber e verdade. A invenção é do escrito e compromete a dimensão da letra. Curioso é ver que após ter criticado o *negócio* da matemática no Seminário anterior, Lacan retoma o valor da letra na função do escrito, em particular quando articula o furo no saber e a invenção. O saber inconsciente inventa: “[...] todos sabemos porque todos inventamos um truque para preencher o furo (*trou*) no Real. Lá onde não há relação sexual, isso produz ‘troumatismo’ (*troumatisme*). A gente inventa. Inventa-se o que se pode”.²⁸

Ir do traumático para o *troumatismo* será possível se, na clínica, destacarmos o *non-sense* que se vincula ao “efeito de sentido” – sem com ele se confundir – fazendo vacilar o sentido fixo e unívoco do acontecimento. Flagrar o acontecimento para equivocá-lo. Acontecimento do corpo, dirá depois Lacan. Isso significa que o acidente, contingente, se marca como necessário (o que não cessa de se escrever), justamente porque falha na sua inscrição simbólica. Na clínica trata-se de passar desse necessário para o possível (o que cessa de se escrever). Uma analisante²⁹ encontra no equívoco “in-visível” esse real do corpo falante, o qual lhe permite articular um saber além do trauma factual, além da realidade que a localiza numa cena infantil traumática cujo excesso se imprime com a marca do gozo sexual. O sintoma fóbico equivocado pelo dito “in-visível” é testemunha de um corpo torneado pela pulsão, eco do fato de que há um dizer.

Colette Soler, em livros editados nos últimos anos, sustenta a hipótese da *lalíngua traumática*, e orienta essa leitura ao pontuar nos textos de Lacan, dos anos 70, a elucubração do inconsciente-linguagem. A hipótese que ela traz acentua a expressão “*saber sem sujeito*” na qual a recorrência da estrutura de representação do sujeito – representação de significantes – o deixa separado do saber inconsciente. Parece-me que a elucubração de saber do inconsciente

²⁶ Lacan, *Les non-dupes errent* (1973-74/ inédito).

²⁷ *Ibid.*, aula de 20 de novembro de 1973. Tradução livre do espanhol para o português.

²⁸ *Ibid.*, aula de 19 de fevereiro de 1974. Tradução livre do espanhol para o português.

²⁹ Berta, *O objeto a, separador dos gozos* (2010).

troumatiza o sujeito. É o puro exercício do significante à procura de uma verdade pela via do saber que fará passar o saber ignorado, S2, do lado do S1. Cito Colette Soler:

Lacan o formulou explicitamente. Pelo decifrado de um significante ignorado do saber, que não representa o sujeito, mas que regula seu gozo no sintoma, um S2 pois, sejam que o chamem signo ou letra, isto é, um significante causa e objeto de gozo, converte-se em S1, não significante do sujeito, mas significante mestre do seu gozo. O qual não significa que a estrutura da representação deste S1, enquanto ao saber, se reduza. Ela é recorrente. É o que o seguinte esquema inscreve (S1 (S1 (S1→ (S2))). Este é homólogo, do lado do S2, saber inconsciente, do esquema da divisão do sujeito com o saber

$$S1 \rightarrow | S2 \\ | (S1 (S1 (S1 \rightarrow (S2))))$$

Lalíngua aparece, então, como o grande depósito de onde o decifrado extrai alguns fragmentos, mas que permanecem saber inexpugnável.³⁰

A análise opera a passagem do evento traumático para o *troumatismo*; da realidade para o real, do unívoco para o equívoco. A equivocação dá a pista de como o *parlêtre* é afetado pelo *non-sense* real. Trata-se, então, de ser enganados do necessário, desse saber que não para de se escrever. No inconsciente: *isso* fala, *isso* goza (*jouis-sens*). Essa poderia ser a razão pela qual o traumatismo perdura na neurose. Essa poderia ser também a razão pela qual o traumatismo pode ser deixado cair. Aqui se enfatiza a disjunção entre saber inconsciente e verdade. Quando em 1976 Lacan se pergunta O que é a verdade?, responde que é rastrear o real que não consiste mais que no nó.³¹ Rastreado esse real o *efeito de sentido* ilumina o *jouis-sens* (gozo-sentido). Além disso, ilumina esse furo (*trou*) que turbinou o trauma e que lhe deu sua razão de ser.

“A escrita não é de modo algum do mesmo registro, da mesma cepa se vocês me permitem esta expressão, que o significante.”³² Escrever a letra que cava o furo no campo do Outro [S (\hat{A})]. Furo no saber que afeta diretamente a verdade singular, mostrando que a ficção é a falácia necessária para dar conta da insondável leveza do ser [S (\hat{A})]. A letra indica o furo no saber, a ruptura do semblante (significante), artefato a não habitar mais que a linguagem, sem poder confundí-la com o significante. Por outro lado, a escrita da letra testemunha sobre o furo no saber. A letra tanto limita o gozo quanto o evoca. Isso que evoca não refere ao furo no saber, mas ao puro exercício de uma fala não-sense que leva ao encontro desse furo no saber, até seu limite.

Por essa razão o trauma diferenciado do acontecimento traumático implica considerar que em face do *trou* (furo) o que resta é ou

³⁰ Soler, *De un Trauma al Otro* (2007).

³¹ Lacan, *El Seminario, libro XXIII, El sinthome* (1975-76/2006, p. 64).

³² Lacan, *O Seminário. Livro XX. Mais Ainda* (1972-73/1996, p. 41).

a ficção ou o litoral. Justamente porque se a ficção fantasmática é a tela que opaca o real; o furo, em particular, o que Lacan considera como furo verdadeiro, leva à sua litoralização, sabendo que não há a última palavra. A volta dos ditos faz essa litoralização. Passar do litoral ao literal significa elaborar uma resposta na qual se enxergue o avesso da ficção. Para tocar o furo é preciso acariciar a borda. O inconsciente inventa porque não há nada a descobrir onde há um furo. Diz Lacan “No entanto, trata-se do Real, visto que é daí que eu parto, ou seja: que para todo saber é preciso que haja invenção, isso é o que sucede em todo encontro, em todo encontro primeiro com a relação sexual”.³³

33 *Les nom-dupes errent, op.*

cit., aula de 19 de fevereiro

de 1974.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Física. Livro II*. Tradução e comentários: Guillermo R. de Echandia. Espanha: Ed. Gredos. S. A. Biblioteca Clásica Gredos, 1995.
- BERTA, Sandra. O objeto *a*, separador dos gozos. In: *Stylus: revista de psicanálise*. Rio de Janeiro: Associação dos Fóruns do Campo Lacaniano, Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil, n. 20, abril, pp. 119-124, 2010.
- CARUTH, C. Modalidades do despertar traumático In: NETROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000, pp. 111-136.
- DUNKER, C. I. L. *O cálculo neurótico do gozo*. São Paulo: Escuta, 2002.
- DUNKER, C. I. L. A função terapêutica do real: entre trauma e fantasia. In: RUDGE, A. M. (Org.). *Traumata*. São Paulo: Escuta, 2006, pp. 39-49.
- FREUD, S. (1900-1901). A interpretação dos sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão, v. V. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Acaso e Repetição em Psicanálise (Uma introdução à teoria das pulsões)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- MIKOSZ, D. Introdução à leitura de Aristóteles. In: *Letras a Coisa, II, A Causa*. Curitiba: Associação Coisa Freudiana. Transmissão em Psicanálise, 1991, pp. 27-52.
- MORA, J. F. *Dicionário de Filosofia*. Buenos Aires: Sudamericana. Disponível em: www.scribd.com/doc/7238750
- LACAN, Jacques. (1953-1954). *El Seminario. Libro I. Los escritos técnicos de Freud*. Buenos Aires: Paidós, 1992.
- LACAN, Jacques. (1958-1959). *O Seminário. Livro VI. O desejo e sua interpretação*. Inédito.

- LACAN, Jacques. (1964). *O Seminário. Livro XI. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- LACAN, Jacques. (1972-1973). *O Seminário. Livro XX. Mais ainda*. Tradução M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- LACAN, Jacques. (1973-1974) *O Seminário, livro XXI. Les nom-du-pes errent*, inédito.
- LACAN Jacques. (1975-1976). *El Seminario, libro XXIII. El sintoma*. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- SOLER, C. Trauma e Fantasia. In: *Stylus: revista de psicanálise*. Rio de Janeiro: da Associação Fóruns do Campo Lacaniano, n. 9, outubro, pp. 45-59, 2004.
- SOLER, C. *De un Trauma al Otro*. Medellin, Colombia: Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellin, 2007. pp. 79-81.
- SOLER, C. Seminário *Repetição e sintoma*. 29 e 30 de novembro de 2010, ministrado no XI Encontro Nacional da EPFCL-Brasil, Fortaleza *O sintoma: sua política, sua clínica*. Notas pessoais.
- SPARANO, M. C. T. A Física de Aristóteles. In: *Letras a Coisa, 11, A Causa*. Curitiba: Associação Coisa Freudiana. Transmissão em Psicanálise, pp. 53-72, 1991.

Resumo

Abordamos as considerações sobre a passagem do trauma como acidente para o *troumatismo*, termo acunhado por Jacques Lacan para dizer do furo que afeta a estrutura do *parlêtre*. Junto a isso diferenciamos a repetição como retorno dos signos – *autômaton* – e a repetição como encontro faltoso – *tiquê* – que se vincula ao *troumatismo* estruturante. Interessa-nos ressaltar a miragem do trauma, fator acidental, quando fazendo colidir o saber e a verdade promove a sutura da pergunta pela causa. A essa cilada se responde com a invenção. Concluímos assinalando o que nos parece ser o roteiro de uma análise: ela opera a passagem do evento traumático para o *troumatismo*; da realidade para o real, do unívoco para o equívoco.

Palavras-chave

Psicanálise, trauma, troumatismo, repetição, invenção

Abstract

We address issues relating to the passage of trauma like an accident to *troumatismo*, a term coined by Jacques Lacan to say that the hole affects the structure of *parlêtre*. Along with this we differentiate the repetition as signs' return – *autômaton* – and repetition as against defaulting - *tiquê* - which is linked to structuring *troumatismo*. We are interested in highlighting the mirage of trauma, as accidental factor, when making knowledge and truth collide promotes the suture of the question by the cause. The answer to that pitfall is the invention. We conclude pointing out what seems to be the script for an analysis: it operates the passage from the traumatic event to *troumatismo*; from reality to the real, from uniqueness to equivocation.

Keywords

Psychoanalysis, trauma, *troumatismo*, repetition,
invention

Recebido

18/11/2010

Aprovado

16/12/2010